

AS MUDANÇAS DE SEDE DA ESCOLA DE BELAS ARTES. NA RUA 28 DE SETEMBRO, NO PORÃO DO CONVENTO DE SANTA TERESA DE ÁVILA E NA ARAÚJO PINHO.

Anderson Marinho da Silva*

Resumo

Pretendemos com esse artigo apontar os motivos que levaram a Universidade Federal da Bahia - UFBA a vender para a prefeitura de Salvador o Solar Jonathas Abbott, sede da Escola de Belas Artes – EBA, desde sua criação em 17 de Dezembro de 1877. A Escola permaneceu nos porões do Convento de Santa Teresa de Ávila por quase dois anos até que no final de 1969, a universidade transferiu a Escola de Geologia para a Federação, liberando para a EBA o imóvel da Rua Araújo Pinho Nº16, onde se encontra até hoje.

Palavras chave: UFBA. EBA. ABBOTT. MUDANÇA.

INTRODUÇÃO

A Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) passa por um momento de busca por suas origens e histórias, crescendo o interesse de alunos e professores por completar este grande emaranhado histórico que o tempo tratou de ocultar. Neste sentido há diversas pesquisas surgindo sobre professores e artistas que de alguma forma passaram por esta Escola centenária. Para este projeto, escolhi a década de 1960, período em que a EBA teve que permanecer a mercê dos interesses da Universidade Federal da Bahia, por quase dois anos, nos porões do Convento de Santa Teresa de Ávila.

A abordagem desta pesquisa é de análise documental, oral e síntese, utilizando referências bibliográficas, documentos do período e relatos.

A pesquisa se iniciou a partir do catálogo comemorativo dos 125 anos da EBA, realizado sob a direção do professor Juarez Paraíso. Nele constavam informações diversas sobre a nossa Escola, porém, sobre o referido período não havia muita coisa. Acontece que nestes 130 anos de histórias, há diversas lacunas que ainda não foram desveladas e a permanência da Escola nos porões do convento de Santa Teresa era uma delas. Na EBA, alguns professores em um passado próximo, haviam tentado reunir informações sobre esta centenária instituição, sendo indispensáveis os trabalhos do professor de Anatomia e Fisiologia Humana Octávio Torres que traçou um apanhado histórico sobre a Escola, assim como a reunião de biografias dos seus professores por ocasião da incorporação da Escola na Universidade da Bahia; da professora Selma C. Ludwig (1977); e do professor Juarez Paraíso (1996), este último mais completo. Acredito que as informações do professor Octávio Torres serviram e servem como ponto de partida para a análise de alguns aspectos interpretativos da nossa escola, contudo devem ser analisados com cuidado e comparados com outras fontes para que se evitem possíveis discordâncias. É válido ressaltar que este professor, já em seus escritos, se referia sobre as dificuldades de adquirir informações sobre a fundação da Escola. Acontece que a EBA, em princípio, não possuía profissionais adequados para as indispensáveis catalogação e armazenamento dos periódicos, por isso muita coisa se perdeu.

O SOLAR JONATHAS ABBOTT

O médico Inglês Jonathas Abbott nasceu em Lambeth, região periférica de Londres em 1796. Chegou à Bahia em 1812 com 16 anos. Segundo o seu diário¹, entrou em contato com o Colégio Médico Cirúrgico na profissão de servente e depois como estudante onde se graduou em medicina, tornando-se cirurgião e catedrático de anatomia. Fundou, além do gabinete anatômico, a primeira Associação de Artes do Brasil no Séc. XIX, a Sociedade de Belas Artes.

Na Bahia foi um grande colecionador de obras de arte. Sua casa, um solar do século XIX sito a Rua 28 de setembro, fora adquirido pelo governo em 1876-77 com as quotas lotéricas, para abrigar as escolas primárias das freguesias de Sant'Ana, São Pedro e Sé.

Em 1878 é cedido pelo Barão Henrique de Lucena o 3º pavimento deste Solar para a recém inaugurada Academia de Belas Artes. A mesma foi fundada na residência do Sr. Miguel Navarro y Cañizares e transferida entre 1878 e 1880 para o Solar Jonathas Abbott². (Figuras 01 e 02).

Segundo informações encontradas no Inventário do médico Inglês (inclusive no testamento de 1868), a casa era totalmente diferente da estrutura atual, sendo menos imponente.

Graças ao professor Oséas dos Santos esse edifício passou por uma reforma no final do Séc. XIX que deu a aparência que conhecemos atualmente.

“A casa, com poucas adaptações, logo se prestou as novas funções e foi prédio voltado para a educação durante muitos anos. Lá inclusive, por empréstimo primeiro, e depois por transferência de domínio funcionou a Academia, mais tarde Escola de Belas Artes. Até quando, em dias recentes, a Universidade o permutou e, hoje abriga repartições da burocracia municipal”. (TEIXEIRA, 1986. p.132)

Na segunda década do século passado, precisamente em 1917, a Escola estava em ruínas e a congregação teve que recorrer ao Governo do Estado. Graças ao apoio do governador - Dr. Antonio Moniz Ferrão de Aragão, foram feita todas as amarrações das paredes por meio de vergalhões de chapas de ferro, desde o pavimento superior até o inferior, divulgado no Jornal da Bahia do dia 23/12/1977. O velho casarão precisou ainda de mais duas reformas. Uma com o professor Manoel Ignácio de Mendonça Filho em 1952 e a outra sob o domínio da prefeitura² de Salvador em 1992.



Figura 01 – Foto Aérea do Solar Abbott
Fonte: Extraída do Catálogo Geral da UFBA. 1966 p.44



Figura 02 – Solar Abbott
Fonte: Anderson Marinho 2008

A ESCOLA DE BELAS ARTES NA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Em abril de 1946, depois de muita luta por parte dos intelectuais baianos, reuniram-se no Rio de Janeiro, no dia 08 o Presidente da República, Sr. Eurico Gaspar Dutra, o Ministro da Educação e Saúde, Sr. Ernesto Souza Campos, o Reitor da Universidade do Brasil e interessados para assinar em ato solene o Decreto-Lei que criou a Universidade da Bahia, projeto este sonhado por grandes homens, amigos da educação e do desenvolvimento da Bahia. Entre eles estava o Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, professor Edgard Santos, homem íntegro e determinado que muito lutou para a concretização deste sonho.

O Ministro da Educação credenciou Pedro Calmon para presidir a Comissão de Planejamento e Organização da Nova Universidade composta por Cesário Andrade e Edgard Santos. Desde o princípio, Edgar Santos reuniu amigos políticos em prol da criação da Universidade. Entre eles estavam o Senador Aloísio de Carvalho Filho, os Deputados e professores da Faculdade de Direito Luiz Viana Filho, Albérico Fraga, Aliomar Baleeiro e Nestor Duarte, legisladores interessados na criação da universidade.

Nestas reuniões a Escola de Belas Artes (EBA), 2ª escola Superior do Norte e Nordeste, sempre esteve presente e Edgar Santos, principal articulador deste projeto, mostrou-se interessado em incluí-la nesta futura universidade. O motivo principal que impediu a EBA de fazer parte das unidades Superiores indicadas no Decreto Lei nº.9.155 de 08 de abril de 1946 que criou a Universidade da Bahia foi não ter a posse de sua sede, o edifício da Rua 28 de Setembro. Isto por que, na fase de negociação havia, uma premissa que a criação da Universidade não deveria causar ônus para a união, para tanto, estas unidades deveriam ter autonomia financeira e administrativa, possuindo sede própria.

A EBA vinha se mantendo desde 1877 no Solar Jonathas Abbott, em espaço cedido pelo Barão de Lucena. Neste período a escola dividia o espaço e passou a funcionar com as Escolas de Curato da Sé e assim se manteve até 1948 quando o governo conseguiu transferi-las para local mais adequado.

A Universidade da Bahia foi instalada solenemente em 02 de julho de 1946 com a presença do Ministro da Educação. Antes da inauguração, o Ministro visitou todas as unidades integrantes da Universidade da Bahia inclusive a Escola de Belas Artes.

"As portas da Universidade da Bahia, aguardamos nos seja legado o edifício que sempre foi nosso – para preenchida essa exigência legal – ser a Escola definitivamente incorporada" (Filho. Diário de Notícias 21/09/47 p.3).

Em 1947, com o Decreto-Lei nº. 13.701 de 30/09/47, O governador Otávio Mangabeira autorizou ao Secretário de Educação e Saúde, Sr. Anísio Teixeira, a assinatura da escritura de doação do prédio para a EBA com a cláusula de que continuasse a funcionar em suas dependências a escola da Sé até que fosse encontrado algum local mais adequado. Para a incorporação da EBA à universidade era necessário que a escola fornecesse informações necessárias ao Conselho Universitário a fim de que se tornasse oficial a sua incorporação, e assim foi feito. A Escola desenvolveu relatório sobre o seu corpo docente, planos de obras e equipamentos mais urgentes, além de uma visão geral do histórico e patrimônio da Escola, infelizmente só temos notícias deste relatório devido a uma citação no livro de ATA da Congregação da EBA do dia 23/10/1947. Após as providências a EBA pôde ser incorporada a Universidade da Bahia em 21/12/1947 e um pouco mais tarde, em 04/12/1950 através do Decreto-lei nº. 1.245 foi federalizada junto com outras unidades universitárias brasileiras.

No segundo semestre de 1952, o 1º pavimento do solar Abbott foi desocupado pela Escola Antonio Bahia possibilitando o início das obras

de recuperação do prédio para o melhoramento das aulas, reformas estas concluídas em 1954.

Portanto, desde o início a EBA esteve presente e ajudou para que se concretizasse a maior aspiração do ensino baiano, que era uma universidade, que nascia sob a égide do pensamento do historiador Pedro Calmon, de que “uma universidade sem as Belas Artes, seria uma universidade manca”.

REFORMA UNIVERSITÁRIA DE 1968

Após o golpe Militar de 1964, o Governo Brasileiro propõe mudanças na administração pública, e as universidades não ficaram de fora. A Reforma Universitária, Lei 5.540/68 desenvolvida por Castelo Branco fazia parte do então chamado “Nacionalismo Desenvolvimentista”⁴ e vinha sendo anunciada desde o início da década. Sua implantação se efetivou no mandado do Marechal Artur da Costa e Silva. (SAVIANE. 1998. p.21)

Essa reforma do Ensino Superior se estendeu o todo o território nacional e foi elaborada a partir da análise da Comissão de Ensino Superior entre 1966 e 1968. A comissão baseou-se nos relatórios de Rudolph Atcon (1965) e Meira Mattos (1967) para propor mudanças necessárias tanto no espaço físico quanto na administração de pessoal, visando a “não duplicação de meios idênticos para fins mesmos” (SANTOS. Anexo IV p.62).

É válido ressaltar que as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do período - lei 4.024/61, documento que regulamenta o ensino no Brasil não foi alterado.

Esse processo de reestruturação atingiu todas as universidades brasileiras e na Universidade Federal da Bahia (UFBA) não foi diferente.

Nesse momento é criada a Secretaria Geral dos Cursos, importante órgão que passaria a centralizar todas as decisões referentes a alunos e professores, assim como uma mudança estrutural do departamento dentro das unidades de ensino.

A Cátedra deixou de existir e no lugar o departamento passou a tomar as decisões referentes aos cursos. Além disso, houve uma maior cobrança para a centralização das unidades nos Campos Universitários, pois, havia algumas unidades que estavam excluídas do tecido urbano. As unidades isoladas possuíam maior autonomia inclusive na metodologia de ensino, elemento que a reforma combatia. O importante nessas idéias era a maior integração entre os diversos estudantes de diversas áreas de conhecimento, diminuindo os gastos administrativos.

Em 1969 implantou-se a regra da “objetivação do trabalho pedagógico”, chamada por Demerval Saviani de Pedagogia Técnico, descrita como “em lugar de subordinar o processo de trabalho ao

trabalhador, ela subordinava o trabalhador ao processo de trabalho, fragmentando o processo pedagógico” o que para ele proporcionou a descontinuidade do processo de educacional. (SAVIANE. 1986. p.82)

Desvinculando educação e saber, a reforma da universidade revela que sua tarefa não é a da produção e transmissão da cultura (dominante ou não, pouco importa), mas o treinamento dos indivíduos a fim de que sejam produtivos para quem for contratá-los. A universidade adentra mão de obra e fornece força de trabalho. (CHAUÍ, 1980. p.39.)

A posição do governo militar em relação às universidades públicas levou em pouco tempo o país a um aumento de especialistas, diminuindo com isso a contratação de estrangeiros. Neste período, o Brasil experimentou um crescimento econômico nunca antes visto e a universidade passou a fornecer a mão de obra necessária.

A ESCOLA DE BELAS ARTES E A REFORMA UNIVERSITÁRIA

143

Durante a década de 1960 a EBA propunha severas transformações na estrutura de ensino das artes. Como e onde seriam aplicados os conhecimentos desenvolvidos na universidade? Sua aplicação e prática estavam muito distantes da procura governamental.

Em 1967 aconteceu um grande Simpósio Pró-Reformulação do Ensino das Artes, à frente estava o professor Juarez Paraíso que contava com o apoio do Vice-reitor da UFBA Hernani Sobral. Durante o simpósio, que conseguiu reunir diversas escolas de artes, se definiu os rumos da educação artística. A Escola de Belas Artes se posicionou com o desejo de ampliar os cursos, principalmente os que se vinculassem às atividades profissionalizantes.

Com isso os programas de formação de professores de Educação Artística foram desenvolvidos, sobretudo para a escola média, contribuindo com a formação do cidadão brasileiro. Esta iniciativa rapidamente colheu frutos, pois logo em seguida a EBA entregou à sociedade baiana uma turma de profissionais licenciados.

O diretor da Escola de Belas Artes, o Sr. Emidio Magalhães dizia que “a situação da escola era de progresso dando uma orientação livre e atualizada ao ensino e aos alunos que tem direito a escolher seus estilos livremente”, (Jornal da Bahia. 17 dez. 1967 p.02), porém era necessário algo mais.

A escola naquele período situava-se em uma área urbana que não mais auxiliava a educação. A região do Pelourinho e adjacências havia passado por um processo de degradação se transformando em grande parte em local de meretrício, o que prejudicava principalmente o acesso das estudantes. Isso fez com que houvesse uma grande movimentação para que a Escola de Belas Artes fosse transferida para um local mais próximo do campus universitário. Essa necessidade, aliada aos novos desígnios da reestruturação, fez com que a universidade vendesse o antigo prédio da escola.

A Universidade analisou várias hipóteses, inclusive a de manter a Escola no Museu do Carmo, ou no Museu Góis Calmon, porém, ficou acertado que o melhor era a ocupação do amplo espaço ocioso existente no Museu de Arte Sacra até que a construção do Instituto de Geociências fosse concluída.

ESCOLA DE BELAS ARTES NO CONVENTO DE SANTA TERESA DE ÁVILA

A permanência da EBA nos Porões do Convento trouxe alguns empecilhos como a exclusão do modelo despido nas aulas de Desenho de Modelo Vivo, assim como alterações no cotidiano da escolar, sofrendo o preconceito estigmatizado que a arte carrega.

E assim, em 1968 a Escola começou a ser transferida para os porões do Convento, e lá tentou ajustar-se a sua nova realidade, sofrendo até que a universidade lhe destinasse um melhor local (Figura 03).

Esta mudança causou grande movimentação da mídia, não tardando uma repercussão em forma de protestos. A família Martins Catharino retirou no dia 09/01/1968 três peças de sua propriedade, além de Odorico Tavares e o Convento de São Bento na figura de Dom Jerônimo de Sá Cavalcante que passaram a se manifestar com interesse de retirar suas peças. É válido ressaltar que o Convento de São Bento detinha a maior parte do acervo do Museu, o que no caso de retirada causaria inevitavelmente o fechamento do mesmo. Entre as suas peças estavam as esculturas de Frei Agostinho da Piedade e Frei Agostinho de Jesus⁵. Além destas ameaças havia também a manifestação do diretor do museu, Dom Clemente da Silva Nigra em se retirar da frente da Instituição.

Estas manifestações públicas aconteceram num período em que o reitor da Universidade Federal da Bahia estava no Distrito Federal (Rio de Janeiro), participando de uma reunião entre os reitores do Brasil, reunião esta sobre a Reforma Universitária que logo depois foi implantada.

Ao retornar, Roberto Figueira Santos conseguiu, após ouvir todas as reivindicações, contornar a situação. Entre os problemas apresentados

pelo diretor do Museu constava a preocupação deste sobre os alunos da escola “perturbar a paz” do convento, além da segurança do acervo. O reitor derrubou uma por uma as objeções. As aulas da escola funcionariam pelo turno da manhã enquanto as visitas ao Museu seriam pela tarde, além de mandar confeccionar, seguindo orientações do Patrimônio Histórico, portas para isolar os acessos entre as áreas de exposição e as salas de aula.



Figura 03 – Convento de Santa Teresa de Ávila
Fonte: Anderson Marinho

A ESCOLA DE GEOLOGIA

O solar de Geologia que pertencia a Ordem Terceira da Penitência da Piedade passou por uma desapropriação amigável em 1957, desapropriação esta considerada de utilidade pública pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek em 16/11/1957 através do decreto 42.646. O decreto foi publicado no diário Oficial do dia 30/11/1957.

A partir desta desapropriação o imóvel foi incorporado à Universidade. Logo em seguida foi fundada a Escola de Geologia pensando em atender a constante demanda que a exploração de petróleo criara em nosso Estado (foto 03).

Em 1968, começa a construção do grande Instituto que centralizaria as disciplinas preparatórias para os futuros geólogos. Em 1969, parte das obras já havia sido concluída e a escola de Geologia começou a ser transferida e um pouco depois em 06 de março de 1970, com a presença de autoridades, o Instituto de Geologia foi inaugurado. Com esta etapa vencida, a Universidade Federal da Bahia, enfim, transferiu a EBA para o antigo prédio da Escola de Geologia no Canela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1960 marca profundamente o cotidiano da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Além dos problemas que assolavam o país, haviam questões do Estado que acabaram contribuindo para a venda do prédio da escola.

O governo militar queria a todo custo o tão sonhado desenvolvimento econômico. Uma década antes os recursos do país foram injetados na criação de Brasília, capital que serviria de modelo organizacional.

Na Bahia, as descobertas de petróleo na região do Lobato insuflavam a economia do Estado e do Brasil, exigindo mão de obra especializada que não fosse estrangeira. Para isso precisávamos formar técnicos que pudessem suprir este segmento. O golpe militar modifica a administração do país, exigia-se maior controle dos investimentos do governo. Pensando nisso o governo brasileiro começa a estudar o melhor aproveitamento do ensino universitário.

Foram instituídas comissões para avaliar a estrutura vigente e o resultado se deu através de várias mudanças na estrutura e administração das universidades federais. A universidade da Bahia, foco irradiador de conhecimento do nosso Estado dava o pontapé inicial no incentivo de pesquisas na área de geologia do petróleo, assim como na organização do seu campus universitário, visando centralizar e dar maiores condições para os diversos cursos que compunham a universidade da Bahia. Foi uma década de perdas. O curso de Arquitetura se separou da EBA, Mendonça Filho e Edgard Santos haviam falecido fazendo com que a escola perdesse os seus maiores colaboradores, homens que contribuíram para a incorporação da escola na universidade da Bahia e para a modificação do ensino das artes na Bahia.

A Escola de Belas Artes que por 81 anos vinha funcionando em um solar da região do Pelourinho, devido ao crescimento no número de estudantes, das modificações na estrutura de ensino tão necessárias à realidade da escola na universidade, da falta de espaço para crescimento, das reivindicações feitas por professores e alunos, aliado a situação de abandono que o bairro passava fizeram com que a EBA procura-se uma nova casa.

É importante deixar claro que a decisão de sair da região do Pelourinho não era aceita por todos. O professor Juarez Paraíso, publicamente comentou⁶ que o entorno era muito agradável, inclusive para as aulas de desenhos que utilizavam os casarões do século XVIII e XIX, porém, em diversas fontes de pesquisas é visível o descontentamento da Escola com o Solar Jonathas Abbott.

Magnífico Reitor, acreditamos que chegou a oportunidade de enviar a Vossa Magnificência, um breve memorial que justifique da necessidade de uma nova casa para a Escola de Belas Artes. (RESCALA, 1964. p.2).

O governo Federal também passou a exigir transformações nas universidades brasileiras com a pretensão de diminuir os gastos, ter maior controle do corpo docente e discente e do conteúdo apresentado, além de aumentar as pesquisas necessárias ao desenvolvimento brasileiro. Este processo foi denominado de Reforma universitária e começou a ser implantado no ano de 1968.

Na universidade da Bahia, a reforma se deu através de uma série de construções para institutos de pesquisa nas áreas de formação básica e profissional, com o objetivo de centralizar alguns cursos e desafogar as unidades de ensino que no momento compunha a UFBA. Foram criados os Institutos de Matemática, Química, Geociência e ampliadas outras, como a Escola Politécnica. Com isso a universidade colocou em prática uma das questões indispensáveis da reestruturação universitária: “não duplicar meios idênticos para fins mesmos” permitindo que algumas unidades tivessem seus espaços reorganizados para um melhor aproveitamento.

A EBA que viveu, segundo o professor Juarez Paraíso (1996 p.17), “uma espécie de anos dourados” na década de 1960, com tantas inovações educacionais precisava de mais espaço. Além de utilizar as dependências do Solar Jonathas Abbott, passou a ministrar parte de suas disciplinas em um prédio no nº15 da Rua Araújo Pinho recém adquirido um ano antes pela universidade para abrigar as aulas teóricas da Escola de Belas Artes. Com isso a instituição se via sem possibilidades de crescimento chegando a enviar um ofício a reitoria com o título “uma nova casa para a Escola de

Belas Artes". Neste documento a escola relacionava os problemas que as aulas naquele prédio antigo traziam para os cursos e em outro documento a EBA envia um ofício ao sindicato dos comerciantes solicitando uma permuta entre os dois prédios por dois anos, isto demonstra que era uma preocupação de parte dos professores e alunos.

A partir destes fatos a Universidade em entendimento com a prefeitura de Salvador, pois a mesma tinha interesse em abrigar no prédio repartições da prefeitura, vendeu o Solar da Escola por 55 mil cruzeiros novos. Apesar da intensa movimentação na mídia, com comentários contrários a Escola foi transferida e por mais de um ano permaneceu nas dependências do convento de Santa Teresa de Ávila. A escola começou a ser transferida no início de 1968 para o convento.

Segundo o professor Roberto Santos, o acervo da Escola fora armazenado nas dependências do Museu, o responsável pela transferência das obras, livros e materiais da EBA foi o Professor Cid Teixeira. Neste período perdemos um exemplar importante dos gessos trazidos da França, uma cópia da Vitória de Samotrácia que aparece em fotografias antigas da Escola. O legado artístico da Escola de Belas Artes sofreu perdas irreparáveis. Um bom exemplo são os ex-votos que pertenciam à escola.

No Museu, a EBA foi se ajustando aos espaços cedidos. A cozinha do convento, por exemplo, passou a abrigar a diretoria da Escola, o local de tão charmoso impressionava aos alunos. Segundo a professora Teresinha Dumêt, aluna do período, "a mesma era toda azulejada, linda". Algumas aulas como as de desenho eram ministradas no porão do Convento, enquanto as aulas de modelagem utilizavam até mesmo o pátio, o que fazia com que os alunos e professores permanecessem durante as aulas debaixo de sol quente. Estes empecilhos fizeram com que a escola demorasse um pouco a pegar o ritmo normal das suas aulas.

Até o presente momento não foi possível saber a data precisa da chegada da escola no Museu e a sua respectiva saída, porém há indícios de que a Escola de Belas Artes já funcionava no Museu no primeiro Semestre de 1968, isto por que no dia 06 de fevereiro de 1968, o seu diretor, o Professor Emídio Magalhães, em nota ao jornal A Tarde convidava os candidatos ao concurso de habilitação para se dirigirem ao Convento no dia 12/02/1968 para a realização das provas. Outro fato importante é o da Prefeitura através do Diário Oficial designar comissão para cuidar da mudança de uma das suas secretarias para o solar Abbott, mostrando que a venda já havia sido efetuada e que o prédio não abrigava mais a escola.

Enfim, diversos fatores contribuíram para a saída da Escola de Belas Artes do Solar Jonathas Abbott e a sua transferência para o Museu. O Solar, pela sua importância histórica e pela tradição no ensino das artes

na Bahia deveria ter sido transformado em um Museu para abrigar o acervo da escola, tendo assim um destino mais digno do que aquele que lhe foi reservado, nunca devendo ter sido desvinculado da Escola de Belas Artes. A atual Secretária que o abriga, possivelmente não tem conhecimento da importância daquele monumento para a história dos baianos.

NOTAS

* Aluno especial do Mestrado em Artes Visuais EBA-UFBA. Foi bolsista PIBIC orientado pelo Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire. Email: marinho-1@hotmail.com.

¹ O diário de Jonathas Abbott. Francisco Alves Editora. 2007. 528p. Resgatado por seu trineto, o embaixador Fernando Abbott Galvão, e lançado no dia 19/11/2007 como parte das comemorações dos 200 anos da Escola de Medicina da Bahia

² Ver dissertação de mestrado de Viviane Rummier, 2008

³ O prédio atualmente abriga a Secretaria de Serviços Públicos

⁴ A ruptura política levada a efeito pelo Golpe militar de 1964 foi considerada necessária pelos setores economicamente dominantes para garantir a continuidade da ordem socioeconômica que se acreditava ameaçada pelo grupo que então exercia o poder político formal. (SAVIANE, 1998, p.21)

⁵ No séc. XVII, os dois principais escultores são beneditinos, Frei Agostinho da Piedade e Frei Agostinho de Jesus. O primeiro, fixado na Bahia, foi o mestre do segundo, natural do rio de Janeiro e em missão itinerante, deixando obras suas nos mosteiros de São Bento de todo o Brasil seiscentista. (BARDI, 1975, p.54.)

⁶ Seminários em comemoração aos 130 anos da EBA.

REFERÊNCIAS

AHEBA/UFBA: Envelope 89. Classificador com dois textos: Memorial a Reitoria e Proposta de Empréstimo recíproco de imóveis.

AHEBA/UFBA: Envelope 296. Pasta do Professor Oséas dos Santos. Biografia inacabada (1865 – 1965). Notas de sua filha Isaura dos Santos. 38p.

CALMON, Pedro. 1902-1985. **Memória/ Pedro Calmon**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1955. Apresentação de Jossué Montello. Prefácio de Jorge Calmon. 412.p.

CARDOSO, Maria Luiza Pontes. **Departamento Universitário. Estruturas e Funções**. Editora Loyola. São Paulo: 1984. 136p.

CHAUÍ, Marilena. Ventos do progresso: A universidade administrada, in **Descaminhos da Educação pós 68**, Caderno de Debate, Brasiliense, São Paulo, 1980, pp. 31-56.

INVENTÁRIO Jonathas Abbott e Cecília. Arquivo Histórico do Estado da Bahia. *Inventários e Testamentos*. Documento 32. Localização: (5-2191-2660-32). Salvador, 23 Mar. 1868.

LUDWIG, Selma. *A Escola de Belas Artes cem anos depois*. UFBA. Salvador, 1977. p.17.

PARAÍSO, Juarez. 1877 – 1996. *Escola de Belas Artes*. EBA/UFBA. Salvador, 1996. 50p.

SANTOS, Roberto Figueira. *Relatório anual da Universidade Federal*. 1968.

SANTOS, Roberto Figueira. *A Universidade e os novos propósitos da sociedade Brasileira*. Centro Editorial e Didático. Núcleo de Publicações. Salvador: 1973. 207p.

SAVIANI, Demerval. *A nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas*. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. Coleção educação contemporânea. 238p.

SAVIANE, Demerval. *A história da Escola Pública no Brasil*. 2002.

SAVIANE, Demerval. *Ensino público e algumas falas sobre universidade*. São Paulo: Cortez, 1986. 110p.

SILVA, Alberto. *Raízes Históricas da Universidade da Bahia*. Vol. I. Bahia: 1956. 150p.

TORRES, Otávio. *Resumo Histórico da Escola de Belas Artes*. (in) Arquivos da Escola de Belas Artes. Anuário VOL.I. Salvador, 1953. 291p.

UFBA. *Notícias Históricas da Universidade da Bahia*. Departamento Cultural da UFBA. Salvador, 1967. pág. 69-79.